

CIDADANIA CRISTÃ

A ação social e a ação política, com toda sua dignidade, não demarcam o limite do que é essencial ou específico dos leigos. Santo Agostinho recomenda a todos os cristãos a utopia da Cidade de Deus. O cristão deve conhecer a sua cidadania. “*Devemos conhecer Babilônia, na qual nos encontramos cativos, e Jerusalém, pelo retorno a qual suspiramos*” (Comentário aos Salmos 64,1). Esta é uma ideia bem consolidada em Santo Agostinho.

Os seres humanos e as cidades se diferenciam devido a seus amores. “*O amor de Deus constrói a cidade de Jerusalém e o amor do mundo, a Babilônia. Examine-se cada qual a si mesmo para saber o que ama e saberá de qual delas é cidadão*” (Comentários aos Salmos 64,2). Há uma rivalidade entre os dois amores que determinam a essas duas cidades. “*Estes dois amores, dos quais um é bom e o outro é mau, um social e outro particular, um que cuida do proveito de todos (...) e outro que menospreza o que é comum por de que é próprio por causa de um desejo desmedido de domínio; um, fiel a Deus e o outro inimigo de Deus; um, tranquilo e o outro agitado; um, pacífico e o outro belicoso... servem de distintivo para as duas cidades que dividem o gênero humano*” (Comentário ao Gênesis 11,15,20).



COMPROMISSO COM O MUNDO

VICARIATO AGOSTINIANO NOSSA SENHORA DA
CONSOLAÇÃO DO BRASIL

O conceito de Cidade de Deus vai, naturalmente, além da organização de uma cidade humana. A Cidade de Deus procede de Deus, caminha em Deus e acaba nos braços de Deus. *“Distribuimos os homens em duas classes: uma, é a dos que vivem segundo o homem; outra, a dos que vivem de acordo com a vontade de Deus. Metaforicamente, damos a elas o nome de duas cidades, que dizer, duas sociedades ou aglomerações de homens”* (A Cidade de Deus 15,1,1).

O ardente desejo da Cidade de Deus é a unificação dos valores humanos e sociais, a recuperação por parte da humanidade e da natureza de seu inesgotável mistério, a afirmação de uma presença amorosa que nos envolve e sustenta. Em outras palavras, é a formação do Cristo total, cabeça e membros vinculados pela fé e pelo amor, a reconciliação do ser humano com Deus, consigo mesmo e com o mundo, coisa que é tarefa presente e, ao mesmo tempo, esperança futura.

A utopia brilhante da Cidade de Deus, situada no contexto do mundo, aponta para uma teologia política tomada num sentido mais amplo e verdadeiro. Todo esforço para conseguir uma ordem mais justa e as aspirações por criar uma nova sociedade esbarram na força do amor desenfreado do que se consideram proprietários do mundo.

A missão do cristão no mundo é semear a esperança que não decepciona, construir a Cidade de Deus com a força

de seu amor que habita em nós e que é a graça do Espírito. Sem sua ajuda não podemos curar a enfermidade que nos impossibilita sermos nós mesmos, efetivar com disposição as oportunidades de praticar a justiça, e nos faz escravos do nosso egoísmo e dos mecanismos de um mundo inspirado na mentira.

A luta entre os dois amores que procuram construir duas cidades diferentes. O grande drama da humanidade. Se combate no coração humano. É o complicado tema da liberdade posta em contínua beligerância movida por desejos contrários. Por ser a raiz de decisões errôneas é considerada por alguns como origem de muitos males.

Santo Agostinho, apesar disso, vê na liberdade um incalculável bem humano (Cf. O Livre Arbítrio 1,15, 31), considera-a como um dom de Deus, e a define como capacidade de decisão que tem a vontade por ser dona de si mesma. Embora os seres humanos tenhamos sido feitos livres para fazer o bem, não somos igualmente livres para inclinar-nos ao mal. A opção pelo bem constitui a verdadeira liberdade, enquanto a opção para o mal é frustração e escravidão.

Bibliografia:

Cf. Fraternidade Agostiniana Leiga. **A caminho com Santo Agostinho**. Publicações Agostinianas. Roma 2001.

Coordenador de estudos: Alexsandro Antonio de Moura